

Autora: Ma. Fernanda Justo Hernández



 Diseños a Píncel  fer\_poetiza



[Diseños a píncl](#)



[fer\\_poetiza](#)

## Alzheimer

**Teófilo Teles Pereira de Arvelos**

*Estudiante de graduação em Geografia*

*Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), BRASIL*

[teofiloarvelos@gmail.com](mailto:teofiloarvelos@gmail.com)

Recibido: 01/06/2022. Aprobado: 13/07/2022. Publicado (en línea): 31/12/2022.

**A** estudante sacode a poeira de suas botas. Não em forma de protesto, como um antigo livro recomenda para casos de falta de hospitalidade, mas como simples modo de tirar dos sapatos o pó da estrada. Ao seu lado está Vanessa, professora de história e grande amiga do pai da estudante. Vanessa e seu pai foram colegas de trabalho há alguns anos, quando eram radialistas. A professora acompanha a estudante no gesto de sacudir as botas para tirar a poeira.

— Ô de casa! — diz Vanessa, enquanto bate palmas. Ao fundo, dois cachorros latem num dueto dissonante.

Ouve-se uma voz masculina de dentro de casa:

— Oi, já vou!

A estudante está no último semestre de seu curso de graduação: geografia. Está passando por dias difíceis. Sempre achou a escrita de qualquer coisa uma tarefa demasiado complexa, e agora está tendo de lidar com o processo de escrita de seu trabalho de conclusão de curso. A professora de história que a acompanha não é sua orientadora. Mas está sendo uma grande

ajudante, porque a está levando à casa de uma senhora descendente de quilombolas, que fica perto de uma reserva legal em que se acredita ter existido um antigo quilombo. Sua pesquisa investiga as relações subjetivas de estranhamento e pertencimento de mulheres descendentes de quilombolas com as chamadas rugosidades, vestígios espaciais do passado no presente.

Aparece no portão um jovem negro de dezessete anos de idade. Ele as observa. Reconhece Vanessa de algum lugar, mas não se lembra de onde; tampouco recorda seu nome. Ele nunca viu a moça que a acompanha.

— Boa tarde! — diz o rapaz.

— Boa tarde! — respondem, em uníssono, professora e estudante.

Vanessa acrescenta:

— Dona Cida está?

— Está, sim. Vó! — grita o garoto, enquanto entra em casa.

Momentos depois, o jovem retorna com dona Cida, uma mulher de oitenta anos de idade, de pele preta e cabelos brancos, que sorri para as visitantes e se senta na varanda. Só então o neto abre o portão e se apresenta: ele se chama Miguel. Da cozinha, tira dois tamboretas de madeira e os oferece para a professora e a estudante se sentarem. Miguel, por seu turno, se senta de frente para a avó, no muro da varanda.

Vanessa pergunta à senhora se ela se lembra dela. Ela responde que sim, que se lembra de tê-la recebido uma vez em sua casa com um grupo de crianças, mas pede

desculpas por não recordar seu nome.

— É verdade, vim três anos atrás com minha pequena turma do quinto ano do ensino fundamental. Naquela vez, viemos escutar suas histórias sobre o antigo quilombo que ficava nas redondezas. Meu nome é Vanessa. Hoje venho com esta moça pelo mesmo motivo. Ela está estudando geografia, e quer registrar suas memórias para uma pesquisa que está fazendo.

A estudante fala de si e da sua investigação. Tenta explicá-la em palavras simples, abrindo mão de conceitos complexos e valendo-se de expressões mais entendíveis.

— Hoje em dia são poucas as pessoas que guardam histórias de antigamente, sobre os quilombos — comenta a estudante. — A Vanessa me indicou vir aqui porque, segundo ela, a senhora mantém viva essa memória, que foi passada de geração em geração.

Dona Cida olha para o neto. Permanece em silêncio.

— Podemos entrevistá-la?

— Podem, sim.

— Que bom! Obrigada. E podemos gravar um áudio desta entrevista? Não quero perder nenhum detalhe das suas histórias.

Dona Cida olha novamente para Miguel. Sem demonstrar empolgação, aquiesce.

A estudante começa lhe perguntando por suas origens. Dona Cida responde que sempre morou naquela casa, desde os oito anos de idade. Antes disso, vivia com os pais e os irmãos numa fazenda não muito distan-

te dali, em um município vizinho. Vanessa, que tem na mente um pouco da história da senhora, por já ter escutado seus relatos três anos atrás, pede que ela fale um pouco de seu avô materno. Dona Cida diz, apenas, que ele era muito afetuoso e brincalhão, e que guarda muitas saudades dele.

— E ele trabalhava com o quê? — pergunta Vanessa. Ela se lembra de dona Cida contar, em sua última visita, que seu avô trabalhava em um cafezal em condições análogas à escravidão.

— Com café — responde, lacônica, a senhora.

— Como era o trabalho dele? — indaga, novamente, Vanessa.

— Era difícil.

A estudante, que não sabe que o avô da entrevistada viveu em condições análogas à escravidão, não insiste no assunto, e passa para outro tópico.

— Enquanto eu vinha para cá, parei à beira da estrada para tirar fotos de um muro de pedra, que fica no topo de uma colina. A senhora sabe me dizer a história dele?

— Não, não conheço esse muro.

Vanessa se surpreende com a resposta de dona Cida. Na última vez em que esteve ali, a entrevistada falou por vários minutos sobre o muro. Contou que brincava com suas irmãs ao lado dele, mas que sua mãe não deixava que subissem em cima do muro porque ele fora construído por seus antepassados, e que, por isso, deveria ser preservado em respeito a eles.

A professora olha para Miguel, buscando alguma explicação para o comportamento estranho da avó frente às suas memórias. O rapaz, por meio de sua visão periférica, percebe que Vanessa o fita, mas mantém seus olhos fixos na dupla de cachorros que brinca no quintal da casa.

— Do que a senhora se lembra quando pensa no antigo quilombo que se formou na região muitos anos atrás? Seus pais e avós lhe contaram histórias sobre ele, sobre os quilombolas que moravam nele? — pergunta a estudante.

— Não me lembro de quase nada... Meus pais falavam alguma coisa, mas era só bobagem, apenas lenda.

— Gosto muito de lendas. A senhora se recorda de alguma?

— Não... Acho que não.

A estudante olha para a professora, que a levou até ali para escutar memórias, não esquecimentos. Vanessa franze a testa em sinal de incompreensão. Neste momento, ambas sabem que não conseguirão extrair nenhum relato daquela entrevista. Por fim, a estudante faz uma última pergunta:

— A senhora gosta de morar aqui?

— Gosto! Daqui ninguém me tira.

Estudante e professora agradecem a dona Cida por suas respostas. Quando já se levantam para se despedirem e irem embora, a senhora diz:

— Peço desculpas por ter falado tão pouco. Ando muito esquecida ultimamente...

O neto acrescenta:

— Minha avó foi diagnosticada com Alzheimer há alguns meses. Por isso não se lembra de quase nada.

Já dentro do carro, voltando para a cidade de onde vieram as entrevistadoras, Vanessa comenta:

— Ela não parece ter Alzheimer.

— Porque não tem — responde a estudante, cuja falecida avó materna tinha a doença.

— Você deve estar frustrada por dona Cida não ter dito nada. Mas eu me lembro de muita coisa do que ela disse na outra vez que fui lá. Posso te passar depois.

A estudante reflete por alguns instantes. Recordar-se de um artigo que leu no segundo semestre de sua graduação, sobre a entrevista enquanto ferramenta de pesquisa na geografia.

— Obrigada, Vanessa. Mas não estou frustrada. Para a minha investigação, não estou tão preocupada com o passado, mas com o presente. A entrevista foi reveladora e de grande utilidade para o meu trabalho. O que presenciamos foi, provavelmente, um silêncio consciente, intencional. Dona Cida quis esconder suas memórias de nós. Você tem alguma ideia da razão disso?

— Sinceramente, não tenho. Da última vez, ela falou com tanta energia do que ela e seus antepassados viveram, contou histórias dos antigos quilombolas, da posterior invasão do quilombo pelos brancos, de como as mulheres negras viviam naquele meio. Não sei por que ficou tão calada hoje. Qual é a sua interpretação sobre o compor-

tamento dela?

A estudante não responde. Fica em silêncio, como a entrevistada — o que irrita Vanessa, mas que também se emudece. Por fim, dois quilômetros depois, quando chegam à rodovia, a estudante aponta para uma lavoura a sua direita e pergunta:

— O que é isso?

— Uma imensa plantação de soja. Pertence a um grande fazendeiro estrangeiro. Dizem que atualmente ele está com um processo na Justiça para a ampliação de sua área de cultivo. Quer expandi-la rumo à reserva legal onde se acredita ter existido o antigo quilombo, e...

Vanessa interrompe sua fala. Professora e estudante se entreolham em silêncio. Neste momento, suspeitam a causa do “Alzheimer” da entrevistada.

